



EFEITOS DAS MODALIDADES NO DISCURSO PEDAGÓGICO EM AULAS DE
LEITURA
(EFFECTS OF MODALITIES IN THE TEACHER'S DISCOURSE IN READING
CLASSES)

Celina Aparecida G. de S. NASCIMENTO (UFMS/CEUL Doutoranda em
Linguística/UNESP- Araraquara)
Taizi Caroline e Silva ALAMAN (Graduanda Letras/UFMS/CEUL)

ABSTRACT: This paper presents partial results of a modality in the teacher speech. We use a qualitative research and our data gave evidence of knowledge modality to the teacher number one and of believe to the teacher number two.

KEYWORDS: *Discourse; Modality; Ideology.*

0-Introdução

A aula de leitura tem sido um lugar privilegiado para se pesquisar como o professor procede com textos diante dos alunos. Além disso, a leitura deveria ser, se não a primordial, uma das mais importantes atividades na escola e fora dela, já que ler é interpretar, significar.

A nossa preocupação com o discurso do professor nas aulas de leitura, como prática pedagógica, baseia-se na avaliação de resultados apresentados tanto no sentido do desempenho acadêmico, quanto da atuação sócio/profissional do professor. Estes resultados referem-se ao insucesso escolar em relação ao ensino/aprendizagem da leitura na sala de aula.

Este artigo tem por objetivo apresentar resultados de uma investigação e interpretação dos efeitos das modalidades no discurso de professores da rede pública e privada, na cidade Três Lagoas-MS, no ensino fundamental durante as aulas de leitura e produção de textos de diferentes tipos.

Trata-se de uma pesquisa¹ de cunho qualitativo e interpretativa em que apresentamos recortes de dois informantes. A metodologia utilizada mereceu as seguintes etapas: a) questionário; e, b) observação e gravação de campo. Para os pressupostos abordamos os conceitos de Discurso, Ideologia e Modalidade por constituírem os pontos centrais de nosso estudo.

¹ Resultados parciais da Pesquisa intitulada "Formação do professor: questões históricas, ideológicas e discursivas no desenvolvimento das habilidades de leitura", financiada pelo PIBIC - CNPq/UFMS/99/2001, Câmpus de Três Lagoas-MS.



1-Pressupostos teóricos

a. A Escola: discurso e ideologia

A **Escola**, enquanto organismo social, instância que reproduz mecanismo ideológico, está ligada ao **Poder**, que tem sido a mola propulsora da sociedade e que está entranhado em todas as relações sociais, pois não se concebe o social sem o político e, conseqüentemente, sem o poder. Ela está, também, ligada ao **Poder-Saber**.

O confronto entre o poder e o saber passa sempre pela arena da formação do professor, pois a escola legitima um saber que veicula uma concepção destes, centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos. A escola, reafirmamos, é um lugar de reflexão sobre as práticas pedagógicas, permitindo vislumbrar, conforme NÓVOA (1992: 16), uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de **saber** e de **saber-fazer**.

ORLANDI (1987) caracteriza o **discurso pedagógico** como um discurso autoritário em função da imagem dominante do professor e porque este que tem em si o **poder** e o **dever** de ensinar. Tal dever é negociado pela mediação deste professor com seus alunos. Assim, não podemos conceber o **discurso**² fora do sujeito, e nem este fora da ideologia, uma vez que esta o constitui, o que incide também, em sua formação profissional.

Nesta perspectiva, o professor está inserido em formações discursivas que governam sua vida profissional, e, é com a linguagem que o sujeito se constitui, e também nela que ele deixa marcas desse processo ideológico. Assim sendo, o sujeito não é a fonte absoluta do significado e do sentido, uma vez que ele existe socialmente e é interpelado pela **ideologia**.

ALTHUSSER (1992) não vê a **ideologia** como produto do pensamento das pessoas, mas como tendo em si própria uma existência material, definindo o que as pessoas pensam, e se incorporando na nossa sociedade, naquilo que ele intitula de Aparelhos Ideológicos do Estado.

b. As modalidades

Para que o conceito de modalidade tenha alguma pertinência em lingüística, é preciso tentar restringi-lo, recorrendo à lógica, uma vez que os lógicos formais têm se ocupado com as modalidades, denominando-as de **aléticas, ontológicas e aristotélicas**. Já na lingüística contemporânea, as modalidades reconquistaram um lugar privilegiado por não se colocarem nos mesmos termos que antes, mas houve dificuldade de

² Entendemos discurso como sendo o efeito de sentido construído no processo de interlocução e não como mera transmissão de informação (BRANDÃO, 1993).



estabelecer a sua delimitação³. Veremos a visão de Cervoni (1989), que analisa as modalidades do ponto de vista formal e estrutural e ainda, a classificação de BLANCHÉ (1969).

b.1. As Modalidades, segundo Blanché

Inicia-se com Aristóteles, cujos estudos distinguiam três tipos de modalidades: **aléticas**, **epistêmicas** e **deônticas**. As **aléticas** estão relacionadas à verdade ou falsidade de uma proposição. No entanto, nem sempre os enunciados de uma ciência são simplesmente verdadeiros, já que muitas vezes se formulam como necessariamente verdadeiros. Tais considerações levaram os lógicos a ampliar o conceito de modalidade para aplicá-lo também às determinações que pertencem ao registro do **saber** e do **dever**. As modalidades **epistêmicas** referem-se às crenças, ao conhecimento que temos de um estado de coisas (certo e provável) e as **deônticas** referem-se ao eixo do conduto, àquilo que se deve fazer (obrigatório e ordenado).

b.2. As modalidades, segundo Cervoni

Cervoni (1989:63-65) considera como modais algumas estruturas sintáticas e itens lexicais inseridos no que ele chama de núcleo duro, que por sua vez relaciona-se com as modalidades já vistas: epistêmicas (crenças) e deônticas (dever).

1. Auxiliares de Modo: (CA) **Poder:** capacidade (física, intelectual, moral); permissão; eventualidade ou não exclusão; (CB) **Dever:** obrigação “interna” e “externa”; probabilidade; e, (CC) **Ser preciso, saber, querer:** podem ser autênticos auxiliares ou seguidos por **Que + P** (expressam necessidade ou obrigação).

2. Semi-auxiliares: crer, parecer e gostar, que veiculam a modalidade epistêmica (probabilidade); e desejar, dignar-se e ousar, que expressam variações em grau da noção de volição.

4. Os Equivalentes: necessariamente, obrigatoriamente e certamente.

2-Análise e discussão do corpus

Faremos, inicialmente, uma interpretação do discurso do professor/ideologia e a seguir, passaremos às modalidades. Como já foi abordado na fundamentação teórica, nenhum discurso é pronunciado de forma neutra. Observamos que os professores revelam na sua fala uma memória discursiva:

³ Lembramos que as modalidades sempre foram consideradas como uma das questões mais complexas na reflexão sobre a linguagem. (cf. CERVONI, 1989).



- P2: “no slogan eu posso colocar assim ...leia tal livro...ler é conhecimento...; eu li esse livro ehein... quem que falou... eu vou deixá... vem Camila...” O percurso dialógico nas aulas é feito com acordos, recusas, conflitos, compromissos, como: P1 - “então pode fazer...; isto:... certo?...; está dividido em várias partes bronzeadores... não é por aí...; então vamos colocar assim...” - perpassando por outros discursos e às vezes até rompendo fronteiras.

Estas fronteiras representam um saber socialmente legitimado, referente às questões de ensino, e da delimitação de um poder regulador. Predomina uma ideologia que determina um padrão do professor, ensino, metodologia e conceitos a serem veiculados na escola. A ideologia também aparece em nossos dados, pelo fato de o discurso ser a materialização daquela. Vejamos nos dados:

P1: “então está aí um informação importante para () esquecer... segundo O TEXTO... então mesmo que você tenha outras informações fora do texto de que as doenças são outras... de que os contágios são outros:... as informações fora do texto não podem intervirem nessa resposta:: porque::? Porque está se perguntando... segundo O TEXTO... nós não podemos fugir disto... tá bom::? mesmo que você ache::: que o texto é mentiroso:: mesmo que você ache:: que as questões que estão no texto não são verídicas... não são confiáveis ... não interessa... o que interessa é que está se perguntando:: segundo O TEXTO... e aí todos vocês fizeram e acertaram porque isso é fácil... não é?”.

Nesse recorte fica claro que a professora explica uma questão referente ao texto, revelando, implicitamente em seu discurso, um conjunto de crenças, idéias que servem para justificar e explicar a ordem social, mas que no fundo representa uma “falsa consciência”. (cf. BRANDÃO, 93). Assim, esse conjunto de crenças representa as várias formações discursivas, ou seja ideológicas pelas quais perpassa o discurso do professor.

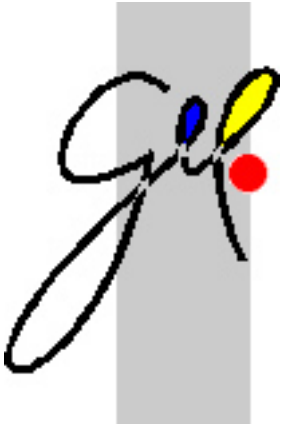
Considerando que esse discurso é permeado também pelas modalidades, e por ser este nosso objeto maior, relacionaremos a seguir, alguns recortes conforme a classificação adotada por Cervoni (1989).

Inf.1 – Aula 1:

I1: “... agora eu **quero** que vocês **coloquem** entre parênteses... vocês **façam... coloquem** entre parênteses... quais são os cuidados... **bom**... vamos falá de tudo que nos **devemos** tomar cuidado... com que nós **devemos** tomar cuidado?...”

Quero/coloquem – Modalidades deôntica; Bom - Avaliativo; Devemos – epistêmica.

I1 – Aula 2:



I1: a) “...não::... não **quero** só uma frase... já é o suficiente... eu **quero** que vocês **tenham** grifado aí elementos de uma frase é:: palavras que comprovem...” Modalidade deôntica (auxiliar de modo / obrigação);

b) “...irritação... irritação é uma característica né?... **certo**... mais alguém? Não::...”; Avaliativa;

I2 – A1:

I2: “... eu **vou falá** para vocês... não **vou falá** agora não... eu **vou preparar** e vocês vão ver que **Qui** é que vocês vão fazer... **vou avisá**::... vai ser em grupo que **EU vou formar** ((comentários de insatisfação dos alunos)) olha e agora eu **vou**... ((chama a atenção dos alunos)) **vou recolher** os livros...”; Auxiliar de Modo – obrigação;

I2 – A2:

I2: a) “... você **pode** também falá assim em cima do:: tudo é:: fantasia não animais né...?”; Auxiliar de Modo – permissão;

b) “... **bom**::... não é mal... mas tá bom...”; Avaliativo.

Retomamos com o informante 1, por termos observado um predomínio da modalidade deôntica, o que segundo o hexágono de Blanché revela um discurso voltado para o que é **obrigatório** e **ordenado**. Desta forma, verifica-se que em duas aulas o discurso predominante é o deôntico, o que revela o **domínio** da sala de aula e da **verdade**. Confira: “pedi, não quero, quero que comprove, vamos colocar, coloca...”. Assim, passa-se da **possibilidade** para a **verdade**, o que torna a linguagem mais dinâmica, com tendência à iniciativa e decisões, caracterizando o discurso pedagógico.

Já a modalidade epistemológica “certo?... certo... não é por aí... devemos...” é usada 50% a menos que a primeira, uma vez que o discurso do P1 é pouco contestável e até autoritário. Vejamos a seguir: “quero... coloquem... pedi... comprove”. No discurso do Informante 2 não aparecem as modalidades analisadas até agora, por ter havido pouca discussão e mais trabalhos escritos sobre os livros. Observamos que esse informante marca sua enunciação com auxiliares de modo, como: “**nós vamos fazê**... **vou falá**, **vou preparar**... **vou avisá**... **vou recolher**... **pode**... **né**... **você pode levar isso**... **ótimo**...” que revelam **obrigação e permissão**. Seu discurso não demonstra segurança e autoridade mas, sim, certa reflexão em que aparecem os fatos ocorridos em sala de aula.

Quanto aos avaliativos, a diferença é considerável, pois enquanto o I1 usa onze vezes “**bom**... **certo**... **errado**” em duas aulas, o I2 usa uma vez “**bom**... **não é mal**...**mas tá bom**...” em quatro aulas. O que demonstra maior interação nas aulas do I1 com posturas de apoio; já o I2 opta por não se manifestar. Analisando o percurso discursivo dos dois informantes, sob o aspecto dos auxiliares de modo, chegamos ao resultado apresentado no esquema a seguir:

PERCURSO DISC. }	I1	dever	⇒	ordem	⇒	saber (verdade)
	I2	obrigação	⇒	permissão	⇒	crer (possível)



Enfim, o I1 apresenta mais “história” “saber” e “discurso ideológico”, enquanto o I2 é uma tentativa do “crer”, “permissão” para o “saber”.

3-Considerações finais

Ser professor implica em moldar-se às normas e conceitos vigentes, oriundos da Instituição. Tais conceitos são coercitivos e tomados como um instrumento destinado a educar, a disciplinar, permanecendo presente ao longo da formação do sujeito, enquanto aluno e também como profissional.

A modalidade deontica foi a mais usada pelo I1, dentro do eixo do obrigatório, chegando a ser até autoritário, apesar de se esperar que a aula seja um jogo de perguntas e respostas em que o professor é responsável pela transmissão e fixação de informações. Já o discurso do I2 denota obrigação e permissão, direcionado ao domínio do **crer**, enquanto que o I1 revelou estar no domínio do **saber**.

Finalmente, constatamos que os informantes constituem autoridades que ocupam uma posição de sabedores, e que devem ser mediadores e possuidores desse conhecimento, porém sem tomarem atitudes autoritárias, que nada contribuem para a formação do aluno e menos ainda, para a prática da leitura e da produção de textos.

RESUMO: Este artigo apresenta resultados parciais de uma investigação sobre os efeitos das modalidades no discurso de professores em aulas de Leitura. Trata-se de uma pesquisa interpretativa em que usamos os conceitos de Discurso, Ideologia e Modalidade. Os resultados evidenciaram um percurso discursivo com tendências ao saber para o I1 e ao crer para o I2.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Modalidades, Ideologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER. (1992). *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Tradução de J. M. Ramos. Lisboa: Presença – Martins Fontes, 1974.
- BLANCHÉ, R. *Structures intellectuelles*. Paris: J. Vrin, 1969.
- BRANDÃO, H. H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Edit. da UNICAMP, 1993.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- NÓVOA, A. (org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa, Instituto de Inovações Educacionais, 1992.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.